

## COMO CRIAMOS PALAVRAS NOVAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE DOIS PROCESSOS DE REANÁLISE

*Isabella Lopes Pederneira (UFRJ)*

[spederneira@hotmail.com](mailto:spederneira@hotmail.com)

*Miriam Lemle (UFRJ)*

Saussure focalizou a arbitrariedade do signo: não há relação necessária entre a forma e o significado das palavras. Esta observação é válida em muitos casos, como mesa, belo e amar. Porém, não é assim em: globalização, endurecimento e intolerante.

Aí temos camadas sintáticas sucessivas de leitura composicional a partir de uma primeira camada mais interna na qual aconteceu a negociação da arbitrariedade do signo, respectivamente: globo, duro e tolerar.

Mostrarei exemplos nos quais a atribuição de significado por convenção ou por cálculo composicional é uma variação que acontece continuamente.

Apresentarei dois tipos de reanálises: (i) Releitura de um Particípio Passado como raiz de um novo verbo; (ii) Transformação de um Prefixo em um mero pedaço fonológico de uma nova Raiz. Mostraremos exemplos de palavras em que os falantes contemporâneos não estão mais vendo sufixos ou prefixos que estavam vivos para os falantes do latim.

O primeiro tipo de reanálise pode ser exemplificado com os verbos misturar, pulsar e cantar, nos quais as novas gerações tomaram como raízes o que eram os Particípios Passados de misceo, pello e cano (misturar, impelir e cantar). O segundo tipo é o que vemos em abrir, decidir e embaçar, palavras em que nenhum falante continua vendo no seu interior as peças [ad+per+ire], [de+caedo] e [em+baço].